



# Memória e ditadura na literatura brasileira contemporânea

## Introdução

Mesmo passadas algumas décadas após a redemocratização e a consolidação crítica de várias obras sobre a questão, a ditadura dos anos 1964-1985 ainda é um tema presente na ficção brasileira contemporânea e uma preocupação atual em meio à nossa sociedade. Nesse sentido, algumas obras procuram estabelecer um discurso que, além de representar as perdas, danos e consequências do regime, também trate o assunto sob uma ótica contemporânea, traçando paralelos entre o contexto brasileiro e o latino-americano e buscando novas formas de representação. Trauma, culpa, memória e ética são questões levantadas pelo romance de Julián Fuks, *A Resistência*, que será analisado neste trabalho.

## Objetivos

Investigar, primeiramente, de que forma a questão da alteridade narrativa é problematizada e quais são as implicações éticas dela decorrentes, tendo em vista que o narrador propõe inicialmente contar a história de um outro (seu irmão). Nesse sentido, também procurou-se observar como um relato individual, sustentado pela memória, se relaciona a um contexto político, histórico e coletivo — contexto esse que transita entre duas ditaduras latino-americanas, a saber, a brasileira e a argentina. Por fim, intentou-se analisar como a representação desencadeia um sentimento de culpa por parte do narrador, o que se vinculou ainda à análise das questões que envolvem o relato autobiográfico.

## Metodologia

O trabalho baseou-se na leitura, discussão e reflexão acerca da obra literária; e posteriormente da leitura, discussão, reflexão crítica e fichamento da bibliografia teórica. Procurou-se depreender as questões analisadas por meio de temas que surgiram internamente ao próprio texto e, também, por meio do contexto em que a obra se insere e da repercussão que provoca no campo literário.



## Embasamento teórico

Recorreu-se, como suporte, às obras de Judith Butler (2015), Diana Klinger (2014), Josefina Ludmer (2007) e Paul Ricœur (2003). As duas primeiras foram selecionadas devido à abordagem que trazem a respeito da questão ética quando atrelada ao texto. No caso de Butler, no sentido filosófico do relato de si e da relação entre sujeito, discurso e contexto social, e no caso de Klinger no sentido de observar a problemática entre representação, autonomia e potência vinculadas à literatura. Especificamente quanto à questão da autonomia, foi utilizado ainda o conceito-chave de literaturas pós-autônomas, cunhado por Ludmer. Por fim, a noção de memória como dever e como imperativo ético, formulada por Ricœur, foi embasamento para a relação entre texto literário e memória social.

## Resultados

Ainda que o mote do romance esteja expresso na narração de uma história que não é a do narrador, mas de seu irmão, o livro opera em via dupla: ao narrar a história do outro, Sebastián também conta sua própria história. Não só a narração do outro implica um relato de si, como esse gesto se traduz como condicional ao processo narrativo: para falar do irmão, o narrador precisa também falar de si mesmo.

Ao mesmo tempo em que o narrador tem consciência de relatar uma história privada, individual, ele também reconhece que não o poder fazer sem inseri-la num contexto que atua diretamente sobre ela. Esse contexto compreende, para além da problemática relato de si versus relato do outro, a problemática do contexto sociopolítico retratado — as ditaduras argentina e brasileira.

A questão da alteridade, associada à questão política, contudo, desencadeia um sentimento de culpa no narrador. Esse sentimento está associado não mais à pretensão de autonomia da ficção, uma vez que o romance contém inclusive características que o aproximam da autoficção, mas à impotência da representação diante a vida. A culpa surge em razão da possibilidade de a representação não conseguir abarcar a vida, de não proporcionar um reconhecimento, de não responder a ela. Nessa perspectiva, a representação, embora colocada em xeque pelo próprio narrador, teria como função adensar a vida de sentido, ecoá-la e reverberar nela. Isso provoca, ainda, o estreitamento da fronteira entre uma e outra, cada vez mais inter-relacionadas.

Por fim, a ficção se converte não só numa história individual, mas também num dever ético e, portanto, coletivo. Ao representar as perdas, silêncios, desaparecimentos, perseguições e consequências dos regimes ditatoriais, a literatura afirma seu poder de reflexão crítica, estética e política, além de atuar como um dever de memória às vítimas desses acontecimentos.

## Bibliografia

- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.  
FUKS, Julián. *A resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.  
KLINGER, Diana. *Literatura e ética: da forma pra força*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.  
LUDMER, Josefina. "Literatura pós-autônomas" in *Aqui América Latina*. Buenos Aires: Eterna cadência, 2010.  
RICŒUR, Paul. "Memória, história, esquecimento". Conferência escrita e proferida em inglês em 8 de Março de 2003 em Budapeste sob o título "Memory, history, oblivion".